

O alcance da voz do cidadão comum: considerações sobre a plataforma Avaaz¹

Rosinei A Naves (Rose Naves)²
Universidade Anhembi Morumbi e USP

Resumo

Este artigo apresenta reflexões a respeito da plataforma virtual Avaaz no campo da política e da comunicação. Apesar da abrangência global da plataforma, este trabalho procurou tratar de exemplos relacionados ao Brasil. O objetivo foi abordar como a plataforma se insere, atua e colabora com as transformações no atual cenário da comunicação e da política. Procurou-se analisar como a Avaaz libera variáveis que conectam as tecnologias da internet, as demandas sociais dos cidadãos e a intervenção na esfera pública. O embasamento teórico foi dado por autores como Castells, Jenkins, Lévy e Shirky.

Palavras-chave: Avaaz, internet, cidadão, comunicação, esfera pública.

Introdução

Quando em 5 de maio de 2016, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu o mandato e afastou o Presidente da Câmara dos Deputados, o integrante do PMDB, Eduardo Cunha, a plataforma Avaaz já havia reunido em petição online mais de um milhão de assinaturas pela sua cassação. A ação pode não ter sido o elemento central para a interrupção da gestão do parlamentar, mas indica uma forma de atuação coletiva e direta da sociedade civil sobre o Estado.

Desde que foi lançada, em 2007, a Avaaz desenvolve campanhas virtuais no mundo todo contra práticas consideradas pela organização contrárias ao desenvolvimento humano por parte de governos e de empresas. No Brasil, por exemplo, ganhou destaque na grande imprensa ao mobilizar milhares pela cassação de Eduardo Cunha e do Deputado do PSC, Jair Bolsonaro, e contra o fim dos planos de acesso ilimitado à internet, pretendido pelas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Coordenadora do Curso de Pós-graduação em Assessoria de Comunicação e Mídias Sociais, da Universidade Anhembi Morumbi: posmidiasocial@anhembibr - Professora de Pós-graduação e dos cursos de Graduação de Jornalismo e de Relações Públicas na mesma instituição. Professora do Curso de Pós-graduação em Marketing Político, da ECA/USP.

operadoras de telefonia do País. As mobilizações se materializam em petições propostas por qualquer um ao acessar o site da Avaaz. Em seu portal, a ONG se define como uma comunidade de mobilização online que leva a voz da sociedade civil para a política global.

Nesses quase 10 anos de existência, a ferramenta Avaaz integra um cenário no qual o modelo de comunicação se redesenha. Já em 2000, Manuel Castells identificava esse novo sistema, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, como capaz de incluir e abranger todas as expressões culturais.

A inclusão da maioria das expressões culturais no sistema de comunicação integrado baseado na produção, distribuição e intercâmbio de sinais eletrônicos digitalizados tem consequências importantes para as formas e processos sociais. Por um lado, enfraquece de maneira considerável o poder simbólico dos emissores tradicionais...Não que desapareçam, mas são enfraquecidos a menos que se recodifiquem no novo sistema (CASTELLS, 2000, p. 397).

Em 19 de novembro de 2013, a ONG entregou aos congressistas brasileiros petição com 700 mil assinaturas pelo fim do voto secreto no Senado e na Câmara Federal (Folha online, 2013). Dias depois dessa data, em 26 de novembro de 2013, o Senado Federal aprovou, por 58 votos a 4, o texto da proposta de emenda da Constituição (PEC) que acabava com o voto secreto nas sessões de cassação de mandato parlamentar e de análise de vetos presidenciais (G1, 2013).

Em março de 2015, a ONG conseguiu quase 500 mil assinaturas pelo fim das regalias de esposos e esposas de parlamentares brasileiros, segundo dados da própria Avaaz. Ainda em março de 2015, a Câmara Federal revogou o direito a passagem aérea para cônjuge de deputados (G1, 2015).

Tais episódios revelam que a ferramenta Avaaz possibilita uma intervenção direta do cidadão, mesmo que ainda pontual, nas decisões do Estado. Essa participação direta é dada pelas tecnologias que envolvem a internet. Para Clay Shirky, 2010, a internet se apresenta como uma mídia de mão dupla que opera numa escala do privado para o público. No entendimento de Shirky, seus mecanismos corroboram a expansão de uma cultura da participação. Jenkins, Green e Ford, 2014, porém, problematizam essa cultura participativa

ao alertarem que é preciso entender essa participação como o trabalho de públicos e não simplesmente de mercados e audiências.

Não vivemos, e talvez nunca vivamos em uma sociedade em que cada membro seja capaz de participar plenamente, em que a mais baixa das classes tenha a mesma capacidade comunicativa que as elites mais poderosas. Na medida em que a participação dentro dos públicos ligados em rede se torna uma fonte de poder discursivo e persuasivo, e na medida em que as capacidades de participar significativamente on-line estão vinculadas às oportunidades econômicas e educacionais, a luta pelo direito à participação está vinculada às questões fundamentais de igualdade e justiça social (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 241).

Na avaliação dos pesquisadores, a questão da participação na era digital é complexa. A potencialização dessa complexidade parece estar associada à popularização dos acessos às tecnologias da internet pelo cidadão comum e não só por interesses de mercado e de audiências.

O indivíduo hipermoderno não se contenta com os prazeres consumistas: faz questão também de atuar, de exprimir-se, de dar sua opinião, de participar da vida pública, ainda que de forma diferente da militância política à antiga que exigia o sacrifício da vida privada e da liberdade de opinião individual... O que se procura via internet é uma espécie de democracia de expressão em que os cidadãos podem intervir diretamente, uma democracia de vigilância dos poderes pela sociedade civil, e não mais monopolizada pelos jornalistas, pela mídia e pelos partidos (Lipovetsky e Serroy, 2011, p. 146).

Avaaz e esfera pública

O pesquisador da UFRRJ, Marcelo Castañeda, em sua tese de doutorado sobre a Avaaz, 2014, procurou ir além da perspectiva habermasiana sobre esfera pública e considerou que vale pensar se, com as tecnologias da internet, a Avaaz pode sinalizar uma expansão da esfera pública. Isso porque a ONG se insere em debates sobre problemas já apresentados publicamente e mobiliza a sua rede para influenciar o desenrolar dessas questões.

Trata-se de uma organização que procura um momento específico para agir sobre questões públicas que já estão amadurecidas, articulando-se com outras organizações e movimentos. Ela não cria as questões, mas produz, em seus

alertas de email, determinados enquadramentos e, em algumas situações amplia essas questões, colocando a sua capacidade de mobilizar um número crescente de membros, ou seja, seu capital político, a serviço de determinados problemas públicos em momentos que são vistos como cruciais, de forma a pressionar para que determinada situação de mudança ocorra (CASTAÑEDA, 2014, p. 140).

Após a coleta de assinaturas em petições online, os engajados na ação da Avaaz disparam um conjunto de procedimentos para o andamento da atividade. Por exemplo, as petições podem ser entregues às autoridades envolvidas na situação. Os manifestantes enviam grande quantidade de e-mails para representantes do Estado ou de empresas. Diversos telefonemas são dados para pressionar os envolvidos e manifestações físicas também são realizadas. As petições são ainda compartilhadas nas redes sociais dos envolvidos.

Castañeda aponta que as mobilizações da Avaaz não são somente virtuais. As iniciativas são complementadas por ações que se desenrolam na esfera pública, tais como lobbies, anúncios na mídia, contato com outras entidades e personalidades como músicos e atores, organização de protestos nas ruas, ajuda humanitária e a própria entrega física das petições.

Em entrevista ao site de notícias BuzzFeed, em 20 de abril de 2016, Diego Casaes, coordenador de campanhas da Avaaz, explicou que a organização se envolve diretamente com algumas das petições e pode inclusive entregar as assinaturas aos envolvidos no caso. “Podemos enviar a petição para todos os membros da Avaaz, postar na nossa página do Facebook, ou compartilhar com jornalistas que estão interessados pelo tema”, diz Diego.³

Esse “bombardeio” de ações descentralizadas revela outro elemento no cenário da comunicação. Os movimentos sociais tradicionais tinham seus porta-vozes. Já os movimentos sociais organizados em redes, como a Avaaz, em geral são horizontais e todos os envolvidos falam. Em declaração à reportagem da Revista da Folha S. Paulo, 3/7/2016, sobre a geração de jovens que ocupa escolas públicas, o secretário de Educação de São Paulo, José Renato Nalini, trata desse elemento: “Não é possível você dialogar quando, de um lado, há só um representante da autoridade e, de outro, todo mundo falando junto”.

³ Disponível em https://www.buzzfeed.com/alexandreorrico/sera-que-o-avaaz-funciona-na-vida-real?utm_term=.stAxvPwRK#.fIBMmk8lg. Acessado em 05/07/2016.

As crenças do século XX a respeito de quem podia produzir e consumir mensagens públicas, de quem podia e como podia coordenar ações de grupo e da ligação inerente e fundamental entre motivações intrínsecas e ações privadas revelaram-se, todas elas, nada mais do que causalidades de longo prazo (SHIRKY, C., 2010, p. 118).

Para Castañeda, citando o autor de *Internet e Mobilização Política*, Marcus Abílio Pereira, a internet colabora com a construção da esfera pública, vista como um espaço de disputa, negociação, definição e redefinição de significados entre atores sociais.

A internet aumenta o escopo das possíveis práticas que podem ou não favorecer a legitimidade do sistema democrático. Pereira entende que a internet oferece condições para que um processo reflexivo de recepção das mensagens aconteça de forma diferente das mídias tradicionais, na medida em que se trata de um dispositivo no qual as interações podem tomar as seguintes formas: um para um, um para muitos, muitos para muitos, muitos para um (CASTAÑEDA, 2014, pp 3 e 4).

A possibilidade de todos conversarem com todos, de todos serem emissores e receptores, desafia os atores tradicionais da sociedade, como empresas e governos. Shirky considera que as ferramentas de comunicação que temos agora, que apenas uma década atrás pareciam oferecer uma melhora no panorama da mídia do século XX, agora estão se desgastando rapidamente. Isso porque em uma sociedade onde todo mundo tem algum tipo de acesso à esfera pública é diferente da sociedade na qual o cidadão se relacionava com a mídia como mero consumidor.

...Esses participantes estão ampliando o potencial significado que o conteúdo tinha e, em algumas situações, aumentando o seu valor. Isso significa que o material, que antes nunca teve chance de ser ouvido, está circulando por meio de movimentos de ações populares, e que existe um potencial para uma sociedade, coletiva e ativa nesta que muitas vezes foi rotulada de “era da informação” (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 366).

As tecnologias da informação e da comunicação viabilizam um dos objetivos centrais da Avaaz: dar voz ao cidadão comum e as suas demandas. O trecho abaixo, extraído do site da organização, revela o seu *modus operandi* para conectar cidadãos do mundo todo para defenderem seus interesses.

Avaaz, que significa "voz" em várias línguas europeias, do oriente médio e asiáticas, foi lançada em 2007 com uma simples missão democrática: mobilizar pessoas de todos os países para construir uma ponte entre o mundo em que vivemos e o mundo que a maioria das pessoas querem. A Avaaz mobiliza milhões de pessoas de todo tipo para agirem em causas

internacionais urgentes, desde pobreza global até os conflitos no Oriente Médio e mudanças climáticas. O nosso modelo de mobilização online permite que milhares de ações individuais, apesar de pequenas, possam ser combinadas em uma poderosa força coletiva. Operando em 15 línguas por uma equipe profissional em quatro continentes e voluntários de todo o planeta, a comunidade Avaaz se mobiliza assinando petições, financiando campanhas de anúncios, enviando emails e telefonando para governos, organizando protestos e eventos nas ruas, tudo isso para garantir que os valores e visões da sociedade civil global informem as decisões governamentais que afetam todos nós.

Segundo Castañeda, na descrição da organização e de seu modo de atuação destacam-se a ideia de uma comunidade virtual que se forma a cada campanha. Logo, a tecnologia seria parte integrante desse processo, um elemento fundamental, sem o qual a Avaaz não existiria. O uso que a Avaaz faça das tecnologias da internet parece ajudar na expansão da arena de disputa ideológica.

As campanhas da Avaaz podem ser vistas como fluxos comunicativos que são canalizados para uma esfera pública política, na medida em que procuram formar opinião ou buscar apoio dos cidadãos de vários países, exercendo pressão sobre um Estado Nacional, uma determinada agência multilateral ou corporações. De um lado, esta organização gera poder comunicacional; de outro, atravessa o poder da mídia, procurando se constituir como mediador de notícias inesperadas para indivíduos espalhados pelo mundo, os quais, sendo capazes de criticar e selecionar seus interesses, seriam mobilizados para atuar como parte de uma comunidade virtual que se faz politicamente legítima a cada nova campanha (Castañeda, 2014, p. 130).

Inteligência e financiamento coletivo

Em textos publicados em seu site, a Avaaz informa que a pauta de mobilização online e as finanças da organização são estruturadas a partir da intervenção de seus integrantes. Esses métodos estão associados ao campo do crowdsourcing, uso da inteligência coletiva, e do crowdfunding, financiamento coletivo.

Enquanto o crowdsourcing é usado para solicitar tipos muito diferentes de contribuições de apoiadores (desde imagens até locações), o crowdfunding geralmente diz respeito a situações em que as audiências fazem investimentos em novos empreendimentos criativos (JENKINS, GREEN e FORD, 2014, p. 306).

Para o pesquisador da UFRRJ, Marcelo Castañeda, a Avaaz procura mapear temáticas que são enquadradas em suas campanhas com objetivo de gerar agenciamentos diferenciados no cotidiano de indivíduos cujos endereços de e-mail são cadastrados pela

plataforma, fazendo uso de formas de interação, conexão e ação frente a intenções variadas com estes indivíduos a cada nova campanha.

Todo ano, a Avaaz define as prioridades do movimento por meio de pesquisas entre todos seus membros. As ideias para campanhas são submetidas a pesquisas e testes semanalmente com amostras aleatórias distribuídas a 10.000 membros, e apenas as iniciativas que recebem uma forte reação positiva são implementadas em grande escala. As campanhas que acabam chegando a todos os membros são depois reforçadas, muitas vezes, por centenas de milhares de membros da Avaaz participantes no período de alguns dias ou mesmo horas.⁴

No link situado acima e à direita do site, está o campo para doações financeiras. Para os integrantes da Avaaz, as doações são vistas também como uma forma de participação. No trecho extraído do site, a ONG se posiciona a respeito das doações: “Nós dependemos totalmente de pequenas doações – não recebemos financiamento de governos ou empresas privadas. A nossa pequena equipe online garante que mesmo as pequenas doações sejam utilizadas da melhor forma possível”.

Essa forma de atuar pode explicar os números que a organização exibe em seu site. São 194 países com membros da Avaaz. Mais de 250 milhões de ações desde 2007 e quase 44 milhões de integrantes em todo o mundo.

Em entrevista à Revista Época, em junho de 2013, o canadense fundador da Avaaz, Ricken Patel, disse que a ONG tem uma missão democrática e flexível. No trecho extraído da entrevista, Patel expõe como o modelo de crowdsourcing e de doações se conecta com a missão da organização:

Nosso modelo é um mix mágico, entre os líderes especialistas e os profissionais de mudanças sociais no mundo, com um forte modelo de responsabilidade e “crowdsourcing” de sabedoria. Muitas de nossas campanhas são desenvolvidas após serem sugeridas por algum dos membros. Depois, passam pelos especialistas e por todos os funcionários. Isso inclui uma equipe de profissionais em mudanças sociais. Eles desenvolvem as campanhas mais fortes com as melhores estratégias que podemos ter. Toda campanha é testada e vira enquete entre nossos membros. Isso significa que ela precisa ser apoiada por uma grande maioria de nossos integrantes – não 50%, mas 85%. A partir disso, os membros dão um feedback ao projeto, algo que represente a voz do povo e tenha uma aprovação total da sociedade. É assim que nosso modelo funciona.

⁴ Disponível em <https://secure.avaaz.org/po/about.php>. Acessado em 7/7/2016.

Todo o nosso dinheiro vem de pequenas doações on-line. Não aceitamos doações de instituições ou corporações. Não aceitamos de fundações, nem mesmo de grandes doadores. Temos um limite de 5 mil. Outra coisa importante é que nossa missão não é ideológica. Não é como nós (do Avaaz) queremos que o mundo seja e persuadiremos as pessoas a fazê-lo. É uma missão democrática, em que o mundo deve ser moldado pelas pessoas nele. No fundo, é uma missão flexível. As pessoas dizem e debatem entre si: “Em que tipo de mundo você quer viver?”.

O processo exposto por Patel demonstra que a internet tem papel fundamental no fortalecimento do conhecimento coletivo (LÉVY, 2007, p. 29). “A inteligência coletiva é distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta numa mobilização efetiva das competências. A base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas.”

Considerações Finais

A Avaaz viabiliza meios para o cidadão comum participar e tomar decisões em tempo real em relação à atuação dos Estados e das empresas em âmbito global. Nesse mecanismo é possível identificar elementos das mudanças no campo da comunicação. Em 2000, Castells afirmava que por meio da poderosa influência do novo sistema de comunicação, mediado por interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócios, estava surgindo uma nova cultura: a da virtualidade real.

Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu a compactação de todos os tipos de mensagens, inclusive som, imagens e dados, formou-se uma rede capaz de comunicar todas as espécies de símbolos sem o uso de centros de controle. A universalidade da linguagem digital e a lógica pura do sistema de comunicação em rede criaram as condições tecnológicas para a comunicação horizontal global (CASTELLS, 2000, p. 375).

A ONG produz conteúdo de interesse de uma parcela significativa da sociedade civil e compartilha, espalha esse conteúdo em rede com e para milhares de cidadãos. O alcance da Avaaz está associado às tecnologias da internet. A ONG apresenta um novo modelo de ativismo virtual, mas que pode se transformar em físico, presencial. Suas manifestações sociais incorporam o uso das tecnologias da informação e da comunicação. No conteúdo, contudo, por vezes, a organização encaminha velhas demandas da sociedade como petições contra o racismo ou contra agressões a mulheres.

Para Castañeda, o ambiente de mídia digital induziu novas e inesperadas oportunidades para a ação coletiva na medida em que os indivíduos estão crescentemente

imersos em uma atmosfera em que suas práticas rotineiras compreendem compartilhar ideias, conexões e interesses.

Na avaliação do pesquisador da UFRRJ, esse novo ambiente parece reforçar práticas cidadãs que passam ao largo de normas e instituições, indo em direção a caminhos mais personalizados de constituição de um ser cívico. “Não se trata do fim das tradicionais organizações da vida cívica, mas de suas transformações, especialmente no que diz respeito ao conteúdo do termo cidadania, ao papel dos cidadãos e suas formas de envolvimento cívico.”

Os resultados das campanhas da Avaaz estão associados à intervenção em maior ou menor grau dos milhares envolvidos na rede. Os conteúdos originais podem ser trabalhados, recriados pelos integrantes. No entendimento de Jenkins, Green e Ford, tudo isso sugere um mundo em que os cidadãos contam uns com os outros para passar adiante peças significativas de informação, notícias e entretenimento, em geral muitas vezes no decorrer de um único dia.

A ONG se apresenta como um meio alternativo ao poder da mídia tradicional, configurada por corporações de comunicação. Suas campanhas e as tecnologias da internet possibilitam, de acordo com a pesquisa de Castañeda, o acréscimo contínuo de novas conexões e associações possíveis entre indivíduos, grupos e objetos materiais. “As tecnologias da internet são objetos materiais que atuam como mediadores sociotécnicos, abrindo possibilidades para conexões e associações no processo incompleto e aberto de formação de coletivos políticos heterogêneos e nas agências que compõem as campanhas da Avaaz.”

Nas considerações finais de sua tese de doutorado, Castañeda pondera que a Avaaz pode ser vista como um fruto da reconfiguração do campo político pela internet, servindo como possibilidade empírica para uma análise das mudanças nos repertórios e lógicas de ação nas sociedades contemporâneas. “As ações desta organização sinalizam a emergência de um repertório de ação digital e de uma ação conectada, compreendendo novas formas de ação em uma esfera pública que parece cada vez mais interconectada e renovada pelo advento da internet nas sociedades contemporâneas.”

A internet viabiliza a existência de organizações como a Avaaz. O modo de atuar da ONG libera variáveis, como as mencionadas no parágrafo anterior, baseadas na inclusão de milhares de cidadãos nos debates de interesse público. A rede, contudo, é um espaço de múltiplas causas. Sua arquitetura e a facilidade de acesso aos seus sistemas a tornam uma plataforma democrática, podendo ser apropriada para a defesa de qualquer causa.

As questões de dominação política, econômica e social que pautavam a humanidade antes da ascensão da internet foram levadas também para o mundo virtual da rede. Nesse sentido, ao mesmo tempo que a internet serve como um canal que democratiza o acesso, a emissão e a distribuição da informação, ela também reproduz os interesses daqueles que antes dominavam diversas áreas sem grandes questionamentos coletivos.

Mesmo que ainda de maneira controversa, a internet colabora com a expansão da atuação dos cidadãos na esfera pública. Seus recursos potencializam as diversidades e as adversidades políticas, econômicas, comunicacionais, sociais e culturais. Essas contradições apresentam compreensões e pontos de vistas conflitantes. Jenkins, Green e Ford avaliam que essas tensões estão norteadas pela difícil relação entre capitalismo e a capacidade expandida da comunicação, que continua a ser uma relação incômoda, enfrentada pelos teóricos de todas as tendências em seus trabalhos.

Referências Bibliográficas

CALGARO, Fernanda. **Câmara revoga direito a passagem aérea para cônjuge de deputado**. G1, 03/03/2015. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/camara-revoga-direito-passagem-para-conjuge-de-deputado.html> - Acessado em 05/07/2016.

CASTAÑEDA, Marcelo de Araujo. **Ação Coletiva com a Internet: Reflexões a partir da Avaaz**. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais, do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 2014. Disponível em http://r1.ufrj.br/cpda/wp-content/uploads/2014/10/Tese_Marcelo-Casta%3%B1eda_vers%C3%A3o-final.pdf – Acessado em 04/07/2016

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

GUERREIRO, Gabriela. **ONG Avaaz faz abaixo-assinado por fim do voto secreto no Legislativo**, Folha Uol, 19/11/2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/11/1373554-ong-avaaz-faz-abaixo-assinado-por-fim-do-voto-secreto-no-legislativo.shtml> - Acessado em 04/07/2016.

JENKINS, Henry, GREEN, Joshua e FORD, Sam. **Cultura da Conexão – Criando Valor e Significado por Meio da Mídia Propagável**. São Paulo, Aleph, 2014.

KORTE, Julia. **Ricken Patel: “O mundo deve ser moldado pelas pessoas”**. Revista Época, 22/06/2013. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/tempo/noticia/2013/06/ricken-patel-o-mundo-deve-ser-moldado-pelas-pessoas.html> - Acessado em 05/07/2016.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo, Loyola, 2007.

MENDES, Priscilla. **Senado aprova fim do voto secreto para cassação e veto presidencial**. G1, 26/11/2013. Disponível em <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/11/senado-aprova-voto-aberto-para-cassacao-e-veto-presidencial.html> - Acessado em 05/07/2016.

SHIRKY, Clay. **A Cultura da Participação – Criatividade e Generosidade no Mundo Conectado**. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

TERENZI, Gabriela e SALDAÑA, Paulo. **Escola de Luta**. Revista da Folha de S. Paulo, 3 a 9 de julho de 2016.